**ALUNOS MOTIVADOS E DESMOTIVOS NO ENSINO SUPERIOR**

SILVA, Rai Chaves[[1]](#footnote-1)

SOAVE, Meire

RESUMO

O fator relevante na formação integral do aluno é a motivação. É fundamental que se perceba o aluno como um sujeito curioso que busca conhecer sua realidade, que constrói o conhecimento. A falta de motivação é originada das características próprias do aluno e do ambiente escolar como um todo, fazendo com que o aluno passe a ter medo do próprio fracasso escolar e de como lidar com ele.

A motivação para a aprendizagem na escola é uma tarefa nada fácil, pois se percebe que os alunos não encontram razões para aprender. Se o aluno não encontra significado no trabalho que tem á realizar, se ele não enxergar perspectiva futura nessa aprendizagem, é muito provável que não terá interesse em aprender.

A motivação deve ser trabalhada de forma que o professor perceba que suas ansiedades, suas inseguranças não devem ser captadas pelo aluno, ou seja, não deixar que essas barreiras psicológicas interfiram no bom andamento e motivação da aula. O educador deve ficar vigilante ao comportamento de seus alunos, visto que podem partir desde aqueles jovens mais agitados, tanto aos jovens desligados e inquietos. O professor deve se preocupar com o ambiente escolar, em especial a sala de aula, o desenvolvimento das atividades, organização e principalmente a relação professor/aluno e o processo avaliativo.

**Palavras-Chave:** Alunos-Motivação-Desmotivado

**ABSTRACT**

The relevant factor in the integral formation of the student is the motivation. It is fundamental that the student is perceived as a curious subject who seeks to know his reality, which builds knowledge. The lack of motivation arises from the characteristics of the student and the school environment as a whole, causing the student to become afraid of his or her own school failure and how to deal with it.

Motivation for learning in school is not an easy task, as it is perceived that students have no reason to learn. If the student finds no meaning in the work he has to do, if he does not see a future perspective on this learning, it is very likely that he will have no interest in learning.

Motivation should be worked out so that the teacher realizes that his or her anxieties and insecurities should not be captured by the student, that is, not letting these psychological barriers interfere with the good progress and motivation of the class. The educator must be vigilant to the behavior of his students, since they can start from those young people more agitated, as much to the young people disconnected and restless. The teacher should be concerned about the school environment, especially the classroom, the development of activities, organization and especially the teacher / student relationship and the evaluation process.

**Keywords:** Students-Motivation-Unmotivated

**INTRODUÇÃO**

O enfoque deste estudo é motivação nas atividades escolares, traçando um perfil dos alunos motivados e desmotivados. Sendo a motivação o fator relevante na formação integral do aluno. Esta pesquisa é de grande importância na medida em que poderá oferecer subsídios aos professores a respeito dos alunos motivados e desmotivados, para buscar, assim, alternativas valiosas, prazerosas de relevância importante, trazendo o incentivo do educando.

Raramente pergunta-se como o aluno aprende. A perspectiva é que devemos considerar o aluno como um sujeito que age sobre a sua realidade, que pensa que conhece.

Neste sentido, é fundamental que se perceba o aluno como um sujeito curioso que busca conhecer sua realidade, que constrói o conhecimento.

A motivação dos alunos para as atividades de aula depende de muitos fatores, tais como a idade, aptidão, desenvolvimento cognitivo, situação econômica, social, familiar e traços individuais. Analisando os tipos mais comuns, encontramos o aluno auto motivado aquele do qual não precisa de estímulos, gera a sua própria aprendizagem apoiado por um conjunto de fatores culturais, com base na família e nos recursos que lhe são fornecidos.

O aluno desmotivado é o tipo mais frequente nas escolas, é ele que transforma o ato de educar num constante desafio, o que estimula os outros lhe provoca a indiferença.

Realizado sob um consistente embasamento teórico, a pesquisa coletou seus dados principalmente através de observações diretas do comportamento dos alunos, entrevistas e formulários direcionados aos professores, direção e alunos e também conversas com os pais.

Dessa forma esse artigo será dividido em três assuntos: Conceituações gerais do tema, conceito de motivação em sala de aula e conflito de interesses; a segunda parate discutirá a problemática da falta de motivação, a influência da família e do ambiente escolar, e a terceira parte será traçado o perfil do aluno motivado e desmotivado.

**1.MARCO TEÓRICO**

O interesse, a participação, a motivação dos alunos nos diversos níveis de escolaridade, na atualidade é uma das grandes preocupações daqueles que estão diretamente ligados com a educação.

Geralmente a falta de motivação é originada das características próprias do aluno e do ambiente escolar como um todo, fazendo com que o aluno passe a ter medo do próprio fracasso escolar e de como lidar com ele.

Determinados alunos apresentam grande dificuldade em interagir com certas atividades, outros apresentam resistência total no sentido de adquirir conhecimentos, se isolando dos demais colegas, negando a participar das atividades propostas, bem como não apresentando interesse qualquer em realizar algo que se refere à aprendizagem.

O professor precisa estar atento ao comportamento de seus alunos, visto que podem partir desde aqueles jovens mais agitados, tanto aos jovens desligados e inquietos.

No sentido de ajudar o aluno desmotivado, o professor deve se preocupar com o ambiente escolar, em especial a sala de aula, o desenvolvimento das atividades, organização e principalmente a relação professor/aluno e o processo avaliativo.

A motivação para a aprendizagem na escola é uma tarefa nada fácil, pois se percebe que os alunos não encontram razões para aprender. Se o aluno não encontra significado no trabalho que tem á realizar, se ele não enxergar perspectiva futura nessa aprendizagem, é muito provável que não terá interesse em aprender.

Como diz Alonso Tapia (1991) “Querer aprender e saber pensar constitui juntamente com o que o sujeito já sabe e o grau em que pratica o que vai aprendendo, as condições pessoais básicas que permitem a aquisição de novos conhecimentos e a aplicação do que foi aprendido de forma efetiva quando se necessita. Saber pensar num contexto dado - diante de uma tarefa - concreta- condiciona, consequentemente, o interesse e a motivação pela aprendizagem”.

Para que esses problemas não fiquem fora de controle o professor deve analisar caso a caso e aprender a observar sob a ótica de entender quais as causas que levam os alunos a agirem dessa forma e descobrir o que é possível fazer para que essa realidade se torne benefícios positivos para o educando.

Segundo ANTUNES (2002, p. 23) “Devemos sim, encontrar um equilíbrio entre silenciar ou fazer um bicho de sete cabeças daquilo que às vezes, pode ser um ato grave, mas também um grão de areia ou um fato circunstancial”.

Cada professor tem um olhar diferente sobre um determinado problema, pois as interpretações se discordam dependendo do olhar de cada um, ou seja, um professor pode encontrar um problema num certo acontecimento, enquanto outro não percebe como problema e sim como um simples fato acontecido sem menor consequência.

A palavra motivação vem sendo muito usada no contexto escolar, mas ainda parece um pouco mal interpretada, compreendida, pois sabendo que a escola na maioria das vezes sob a ótica dos alunos, não é vista como um lugar atraente, interessante, isto se dá pelo fato da escola não motivar nem estimular o interesse e a curiosidade do estudante. O professor e a equipe pedagógica da escola devem estar atentos a este fato, e saber que a motivação é constituída por duas características distintas: a motivação extrínseca e intrínseca. Para (Brown: 1994), “O aluno motivado extrinsecamente é aquele que persegue um objetivo somente para receber uma recompensa externa, ou seja, o reconhecimento de outros Por outro lado, o aluno motivado intrinsecamente é aquele que busca o conhecimento para atender suas necessidades e objetivos pessoais”.

Deci e Ryan observam que “A motivação intrínseca não é o único tipo de motivação auto determinada” (2000, p.68). Na realidade de sala de aula, encontramos alunos desencantados com os estudos e professores buscando motivar seus alunos (Dinis, 2000), essa motivação denominada extrínseca, também é parte da teoria da autodeterminação.

A questão real que diz respeito às ações não intrinsecamente motivadas é como os indivíduos adquirem a motivação para realizá-las e como essa motivação afeta a persistência, a qualidade do comportamento e o próprio bem-estar. Cada vez que uma pessoa (seja um pai, um professor, um chefe ou técnico esportivo) tenta conseguir certos comportamentos por parte de outras pessoas, a motivação destes últimos para o comportamento pode estender-se desde a desmotivação ou indisposição, indo para uma obediência passiva até um ato de comprometimento pessoal. De acordo com a Teoria da Autodeterminação, essas diferentes motivações refletem graus diferentes em que o valor e a regulação dos comportamentos exigidos tenham sido interiorizados e integrados. (DECI e RYAN, 2000, p.68)

Como conseguir atrair o interesse dos alunos pelas aulas com tantas coisas, aparentemente, mais agradáveis para fazer: jogar vídeo game acessar a internet, ouvir MP3, MP4, conversar ao celular...? A escola precisa encontrar formas de tornar o aprendizado mais natural, reestruturando seu espaço físico, a grade curricular e a abordagem de ensino, por exemplo. Imposição de respeito não leva ao interesse. O respeito deve ser construído, e de forma mútua.

Além disto, falta dinamismo por parte de alguns professores que ainda teimam em ensinar da forma mais tradicional. O aluno precisa perceber a importância do que está sendo estudado em sala: como aquilo pode ser usado em seu dia-a-dia, o que muda ou deixa de mudar em seu cotidiano se souber aquilo que lhe foi ensinado.

Segundo Montessori, é tarefa do professor preparar motivações para atividades culturais num ambiente previamente organizado, e em seguida, deixar de interferir no processo de aprendizagem.

O professor deve interferir no processo de aprendizagem de maneira sutil apenas para dar uma orientação, pois o aluno não deve de forma alguma ser induzido em suas conclusões. O aluno precisa ser orientado na coleta e seleção de material informativo para que ele consiga sem a interferência do professor, construir conhecimentos. Desta forma, o professor deve despertar a curiosidade e interesse dos alunos, lhes indicando a direção na utilização de recursos.

O entendimento da motivação (...) requer uma compreensão do indivíduo como ser humano inserido num contexto social no qual interage modificando-o e sendo modificado. A interação com meio afeta o seu sistema de crenças e valores, tornando-as mutáveis (MICHELON, 2004, p. 228).

Nessa perspectiva entende-se que cada manifestação de motivação que o educando tem, se aplica ao meio no qual está inserido, pois, o indivíduo influencia o meio e este por sua vez influencia sua motivação.

A motivação também deve ser trabalhada de forma que o professor perceba que suas ansiedades, suas inseguranças não devem ser captadas pelo educando, ou seja, não deixar que essas barreiras psicológicas interfiram no bom andamento e motivação da aula. Cabe ao professor também o papel de mediador entre a motivação e o despertar do interesse do educando, isto é, deixar que o aluno participe ativamente em sala no sentido de fazer sua escolha, facilitando assim a motivação do mesmo. Nesse sentido Brown diz que:

O dialogar em sala de aula coloca em circulação uma multiplicidade de pontos de vista, fazendo com que seja viável uma cobrança maior dos alunos e professores, havendo comum acordo entre aluno e professor a solução dos problemas que ocorrem em sala de aula e que prejudicam o bom andamento da aula. Nessa perspectiva é necessário que tanto os professores, como os alunos, estejam dispostos para ouvir as dificuldades e até mesmo as críticas, as quais devem ser feitas construtivamente, para que todos encontrem um meio de melhor proveito para as aulas. “O aluno tem necessidade de confiar em um adulto, em um adulto, em um professor, mas o professor, só pode conquistar esta confiança testemunhando que ele se esforça para colocar seus atos em relação com suas palavras, que ele por sua vez contribui Para preparar “para os jovens um mundo mais acolhedor às suas novas forças” (SNYDERS, 1988, p. 224).

O aluno se espelha muito no professor e, se ele consegue estar receptivo ao aluno, e aceita está troca de ideias, terá resultados muito mais proveitosos em seu trabalho, porque conquistou a confiança do aluno e terá um melhor relacionamento. No entanto, é preciso ter o cuidado para que este diálogo amistoso não venha a demonstrar falta de domínio da turma, trazendo mais ainda a indisciplina, pois o aluno percebe muito fácil a falta de controle do professor, o que pode resultar em situações de indisciplina. É necessário mostrar-se como autoridade que está para manter um ambiente digno de sala de aula. É por isso que precisamos entender que:

“Disciplina não é um conjunto de regras, regulamento e proibições rotineiras pelas quais se controla o comportamento, embora muitas vezes seja necessário uma série de procedimentos para assegurar a ordem e garantir um ambiente de estudo eficaz, mas é aquela que permite a atuação dos alunos numa escolha pessoal, desenvolvendo trabalhos ajustados às suas necessidades fundamentais”(AMOS OREM – 1968, p. 81).

Ao examinarmos a definição desse autor, vemos que alunos disciplinados são aqueles que atuam como seres participativos, integrantes do processo ensino/aprendizagem, e isto só é possível conversando e expressando ideias que, para alguns professores, pode ser considerado como indisciplina, já que o aluno precisa aprender a ouvir enquanto alguém está falando. Isto seguidamente acontece até com adultos, quando participam de reunião de estudos e seminários, todos querem falar, mas sempre desordenadamente, o que não é nada bom, pois acaba tornando um trabalho sem resultado positivo.

Nesse sentido é necessário encontrar métodos que forneçam aos professores instrumentos para superar o problema da indisciplina na sala de aula, fazendo assim estará gerando consequências variadas no âmbito das relações entre professores e alunos, e abrindo esse espaço estaremos oportunizando aos alunos o uso da palavra e o direito de opinião, criando um ambiente participativo e democrático.

A necessidade de conhecer está contida na atividade intelectual mesma e é quase idêntica a ela, uma atividade assimilativa cuja natureza essencial e funcional. Não é, pois e necessário que se recorra a um fator separado de motivação, porque está incluída nos processos complementares de assimilação a acomodação.

Piaget considera as reações cognitivas e emocionais como interdependentes em seu funcionamento, como duas caras da mesma moeda. Ambas acham-se indissociavelmente unidas no funcionamento da personalidade, não significando que a afetividade seja determinada pela atividade intelectual ou vice-versa.

Tanto a vida afetiva quanto a cognitiva é uma adaptação implicando ambas uma constante assimilação e acomodação que, no caso da afetividade, adquire esquemas afetivos ou modos relativamente estáveis de sentir e reagir, em face de situação presente

Importa assimilar que, quando se faz referência a “Esquemas afetivos”, deve-se entender que se trata meramente dos aspectos afetivos de esquemas ou modos de reagir que também são cognitivos, porque o afeto e a cognição são indissociáveis, conforme Piaget. Na frase de acomodação, o esquema racional não podendo modificar a realidade, para incorporá-la, tem a necessidade de se modificar e o sujeito precisa aprender um novo esquema, por meio da própria ação que satisfaz sua necessidade. Igualmente, na incorporação da realidade pela assimilação, só são assimilados os objetos capazes de satisfazer a necessidade implica no esquema reativo do sujeito, não sendo essa necessidade outra coisa senão o aspecto conativo ou afetivo de um esquema, enquanto reclamando a realidade que é capaz de assimilar.

Portanto não é preciso separar o aspecto estrutural ou cognitivo do aspecto dinâmico ou conativo que caracterizam os esquemas, porque os dois aspectos são essencialmente ligados e complementares, como as duas faces de uma moeda. A motivação deriva-se da própria necessidade de ação de que são dotados os esquemas ou estruturas cognitivas.

À medida que um ser humano vai da infância para idade madura, o caráter de sua motivação pode alternar-se profundamente, e de tal maneira, que se pode afirmar que os motivos do adulto suplantam os da infância. A motivação no adulto não poderá ser explicada por instintos, nem pelo desejo de volta a vida pré-natal ou a infância, como querem os psicanalistas, nem ainda pelo simples efeito de grandes tendências sociais – de que são típicas certas teorias de base sociológica.

As necessidades podem ser atendidas como a experiência de uma perturbação ou deficiência no eu ou no ambiente. As necessidades tanto podem ser biológicas, como psicológicas, um indivíduo com fome necessidade de prestigio social, precisa desenvolver comportamento no sentido de satisfazer tal necessidade.

O impulso o motivo dinamizado e o objeto conquistado levarão a satisfação das necessidades ou desejos do indivíduo, que terá reduzido seu impulso para agir, ou seja, a tendência para agir na direção de determinado incentivo.

O professor pode preparar situações, pretendendo incentivar o educando, sem conseguir alcançar a motivação desejada e indubitavelmente, a incentivarão pretendida. A motivação é um processo interior, no indivíduo que defraga, matem e dirige o comportamento. A motivação fisiopsicológica interior do indivíduo, um estado de tensão energética, resultante da atuação de fortes motivos que impelem a agir com certo grau de intensidade e empenho.

Para que os alunos realizem este esforço de estudar e aprender, será preciso que encontrem na matéria um significado e valores que dêem sentido a tal esforço e justifiquem psicologicamente, o dispêndio de suas energias físicas e mentais.

Nenhum aprendiz deve ser levado a aprender algo que não entende, ou algo que não seja capaz de encontrar significação. Uma criança deve conhecer bem o significado de uma palavra para depois aprender a escrevê-la e lê-la. Datas e nomes de pessoas não devem ser memorizados como partes isoladas da informação, mas devem ser incorporadas a uma unidade mais ampla de compreensão.

A utilização de problemas e projetos de ensino torna a aprendizagem mais significativa, em grande parte, porque as informações, habilidades e técnicas são aprendidas no contexto de seu uso. Fatos e habilidades isolados são relativamente sem significado, pois adquirem significado e importância no contexto da vida. O material a ser aprendido deve relacionar-se, particularmente, as necessidades, desejos, interesses, enfim satisfazer as motivações do aprendiz, para que ele possa descobrir a utilidade daquilo que aprende.

Piaget enfatiza a interação social como condição necessária para o desenvolvimento intelectual. Muitas pessoas acreditam que a teoria de Piaget enfatiza somente a maturação do sistema nervoso e a experiência com objetos concretos. No entanto, estes componentes, por essenciais que sejam não são suficientes. As crianças precisam falar discutir e disputar com outras crianças. O professor precisa cuidar para que a interação social tenha um lugar proeminente na programação diária de ensino.

Muito se discutiu sobre o curto período de atenção das crianças, sobre como prestam atenção a uma determinada tarefa somente por aluno minutos. Seriam mais apropriado referirem-se aqueles períodos, como períodos de atenção forçada. Isso porque as tarefas não são interessantes. A mesma coisa, a final, e verdade em relação aos adultos.

Mas as crianças prestarão a atenção e trabalharão longamente em tarefas que envolvam objetos para manipular, movimentos corporais e conversas. Assim também, prestarão atenção e participarão das atividades escolares diferenciadas, com música, movimentos corporais e conversas que estejam de acordo com os seus interesses. Os alunos atuarão intensamente e o professor alcançara as metas planejadas.

Grande parte das dificuldades da escola tem sua origem nos problemas da motivação, ou seja, na tarefa de diagnosticar os interesses e necessidades dos alunos; na consideração das diferenças individuais, nesse aspecto m na organização das atividades extracurriculares; no atendimento dos casos de desajustados, pela descoberta dos motivos determinantes, e afinal, nos problemas de aprendizagem.

A falta de motivação conduzira ao aumento de tensão emocional. Problemas disciplinares, aborrecimento, fadiga e aprendizagem pouco eficiente da classe.

O importante e que a estrutura cognitiva seja modificada e não que as repetições ocorram. A estrutura pode ser mudada graças a um melhor arranjo do problema e um menor número de repetições. Muitas repetições não ajudam a aprendizagem; ao contrário, a repetição pode levar a uma saturação psicológica, acompanhada de desorganização da estrutura cognitiva.

Alvos atrativos podem perder sua atração, se a atividade relacionada com os mesmos repete-se, a ponto de levar a saturação. A monotonia e a saturação decorrentes da repetição das tarefas não constituem fenômenos tão simples quanto parecem. Quando tarefas qualificadas como agradáveis, desagradáveis ou indiferentes são excessivamente repetidas, as tarefas desagradáveis são as primeiras a alcançar a saturação.

Freud relacionou o prazer e a quantidade de excitação, em que o desprazer corresponde a um aumento da excitação e o prazer a uma diminuição.

E interessante assimilar que as teorias da aprendizagem não incorporem, totalmente, um aspecto importante da teoria de redução de tensão de Freud. Trata-se do princípio básico de uma necessidade desperta, que fica insatisfeita, produz uma fantasia daquilo que constitui o objeto que poderia satisfazer a necessidade. Isso significa que a redução de uma tensão não e alcançada através de uma gratificação efetiva, mas para a realização do desejo de uma forma alucinação do objeto que satisfaça.

Freud sugeriu a noção da compulsão para repetir, que parece transcender o principio do prazer e deve causar um prazer ao ego, porque suscita atividade dos impulsos instintivos reprimidos e evoca experiências passadas não ligadas ao prazer.

O comportamento adquirido sob frustração excessiva pode tornar-se “anormalmente fixado” e, portanto, resistente a mudança.

Na história pessoal daquele que aprende são encontrados obstáculos a aprendizagem, tais como: o professor, simbolizando a figura paterna pode despertar falsas expectativas ou renovar batalhas continuas entre pais e filhos; alguns símbolos empregados no ensino podem se tão carregados de conteúdos pessoais. A ponto de provocarem defesa, conflitos de autoridade podem resultar em deficiências de leitura e ortografia, que apresentam muitas formas arbitrarias.

Os conceitos motivacionais que incidiram mais diretamente sobre as teorias contemporâneas da aprendizagem são a ansiedade (como um impulso aprendido) e as consequências de várias ameaças ao ego, como nos estudos de regressão, agressão, repressão e os mecanismos de defesa.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, foi possível analisar que o primeiro passo a ser dado para estar motivando os alunos a aprenderem, é despertar neles o incentivo que fica adormecido no interior de cada educando. Esse incentivo faz parte da personalidade de cada indivíduo dentro da sala de aula.

Para que este incentivo nasça, os professores usam vários métodos como elogio, censura, notas, prêmios, etc., para fazer com o aluno esforce durante a realização dos trabalhos em sala de aula ou nas tarefas. Neste caso o professor estará motivado o aluno extrinsecamente, ou seja, não passará de uma atenção momentânea forçada pelos professores da perspectiva comportamentalista. Ao usar este incentivo os alunos não construirão nenhum conhecimento.

Nos dias de hoje recomenda-se que o professor transforme o trabalho escolar em incentivo, despertando, nos alunos, certos motivos, tais como: o desejo de adquirir novas experiência, que leve-os a construir seu próprio conhecimento, neste caso o aluno estará aprendendo a aprender. Isto enriquece a alma do aluno, é muito gratificante quando um aluno aprende ou descobre uma coisa nova que vem de si mesmo, ele se sentirá maravilhado e até mesmo alguém importante com a sua descoberta e fará questão de comunicar a todos o resultado do que ele aprendeu.

Quando um aluno sentir-se incapaz de satisfazer um motivo, ele se sentirá frustrado. E por esta razão o mesmo será desmotivado. Um aluno frustrado tornará agressivo tanto com os professores, quanto com os colegas. Para que isso não ocorra o professor deve fazer com que o aluno sinta-se apoiado em um ambiente de otimismo, assim ele perceberá que está sendo respeitado como pessoa capaz de orientar a sua própria ação e não como um adulto em miniatura.

###### 

###### 

###### **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Celso, **Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ANTUNES, Celso, **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**, fascículo 16, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

ANTÚNEZ, e SERAFIN. **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

AUSUBEL, David. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro, Ed. Interamericano, 1980.

AUSUBEL, David. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognitivo**. Editorial Trillas,México, 1976.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. 3. ed. SãoPaulo: Ática, 1988.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia geral**. 4.ed. São Paulo: Ática,1987.

BORUCHOVITCH, Evely & BZUNECK, Aloyseo (Org.). **A motivação do aluno:**

**contribuições da psicologia contemporânea.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRUNER, J. S. **Uma Nova Teoria da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1976.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo, Scipione, 1989.

CAMÔES, Luís de. **Lírica.** São Paulo, Cultrix, 1963.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia de Aprendizagem**. RJ: Vozes, 1985.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes,1987.

CHARLES, C.M. **Piaget ao Alcance dos professores**. Rio de janeiro: Ao livro técnico 1976.

CREMA, Roberto. **Saúde e Plenitude**. São Paulo: Summus, 1995.

CURY, Augusto, **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Augusto Jorge Cury 2000.

DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Pesquisa. **Princípios Científicos e Educativos**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEVRIES, Rheta & ZAN, Betty. **A ética infantil: o ambiente sócio-cultural na escola.**(trad. Dayze Batista). Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DOLLE, J. M. **Para compreender Jean Piaget**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

FARIA , Anália Rodrigues. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundoPiaget.** São Paulo: Ed. Ática, 1995.

FAGUNDES, L; SATO, L. & MAÇADA, D. **Aprendizes do Futuro: As Inovações Começaram! In:** Coleção Informática para Mudança na Educação.PROINFO/MEC,1999.

FALCÃO, Gerson Marinho. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: Ática. 1996.

FERNANDES, Francisco, LUFT, Celso Pedro & GUIMARÃES, F. Marques.

**Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo, 1990.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**. Rio de Janeiro:ed. Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização - teoria e prática da libertação**. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 14. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.Coleção Educação e Comunicação.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FURTEI, Hans G. **Piaget na sala de aula**. Rio de Janeiro: Forense Universitária 1976.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva 1995.

KUETHE, James l.**O Processo Ensino Aprendizagem**: Porto Alegre, Globo 1978.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal, gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológico**. São Paulo, Paulinas, 1998.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação. Ciências da Informação**, vol. 26, n.2, maio/ago 1997.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygostsk (A Relevância Social)** São Paulo: Ed. Plexus, 1994.

PAPERT, Seymour**. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo da criança.** Rio de Janeiro, Record, s.d.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A epistemologia genética**. Petrópolis, Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Rio e Janeiro: Zahar Editores, 1976.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A tomada de consciência**. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e aprendizagem**. In: RATHES, J.; PIANCELLA, J.R NESS. J.S.V., Org. In: Studying teaching. 2. ed. Prentice-Hall, 1971.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Fazer e compreender**. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O nascimento da inteligência na criança**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Zahar,1975.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O raciocínio na criança**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Record, s.d.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Psicologia e pedagogia**. 4. Ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária,1976.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Psicologia da inteligência**.4. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Sobre Pedagogia – Textos Inéditos –** (Org. Sílvia Parrat e AnastáciaTryphon. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SAINT-EXUPÈRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** 48ª ed. Rio de Janeiro: Agir,2002.70

SANTOS, Edson. **O poder do convencimento** / 6. ed. – Itu: Ottoni Editora, 2004.

AMOS, Willian E, e OREM. Reginald C. **Mestres, alunos e disciplina**, – Barcelos: Companhia Editora de Minho, 1968.

SEBER, Maria da Glória. **Construção da inteligência na criança**. São Paulo, Scipione,1997.

SHÖN, D. A. **"Formar professores como profissionais reflexivos"**, in NÓVOA, (org.)Os professores e sua formação. Lisboa, Dom Quixote, 1992.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola** – São Paulo, S.P; Manole ltda. 1988.

TARDELI Denise D’ Áurea. **O respeito na sala de aula** / Petrópolis, RJ Vozes, 2003

TAPIA, Jesús A; FITA, Enrique C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** SP.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a Educação.** Campinas,Gráfica Central da Unicamp, 1993.

VIGOTSKY, L **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

VIGOTSKY, L. S. et alii. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo,Ícone/Edusp, 1988.

WADSWORTH, J. Barry **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**.São Paulo: Pioneira, 1992.

WADSWORTH Barry J. **Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau.** São Paulo: Biblioteca Pioneira de ciências Sociais, 1987.

ZAGURY, Tânia, **O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**/ Rio de Janeiro: Record, 2006

1. ¹ Pós Graduando em Metodologia do Ensino Superior

   ² Professora Doutora em Ciências da Educação [↑](#footnote-ref-1)